Iniciativas Promissoras 5

Manejo Comunitário do Pirarucu



Organização e acordo resultam em fartura

ProVárzea

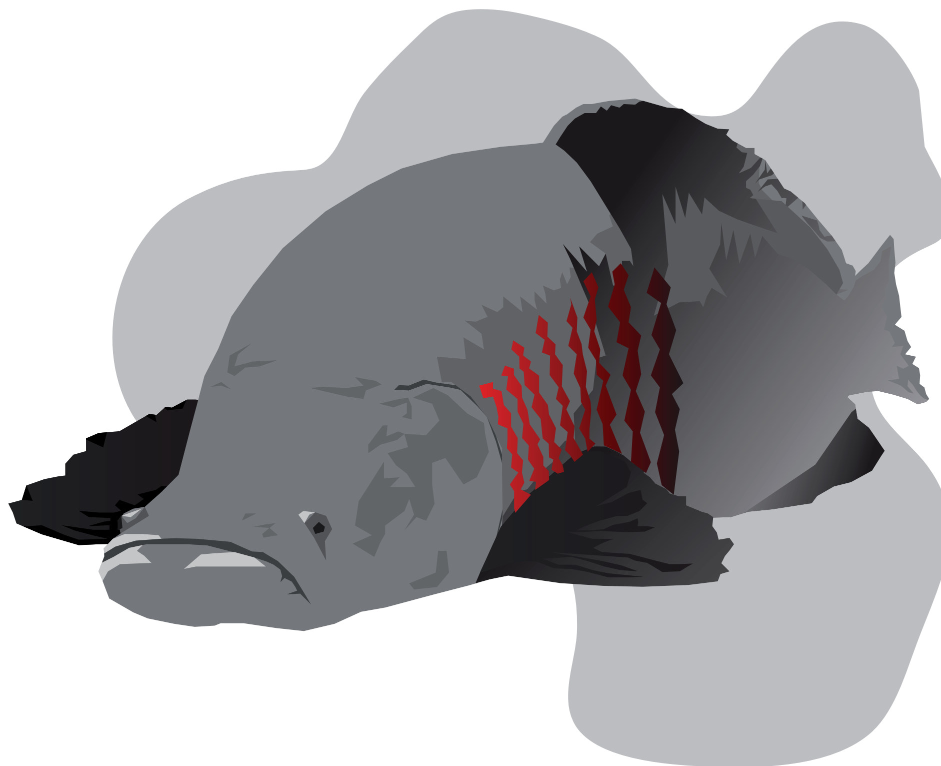
Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea

IBAMA

MMA

Manejo Comunitário do Pirarucu

Organização e acordo resultam em fartura



José Maria Damasceno
José Oster Machado
Luis Henrique Almeida

Manaus - AM
2007

Copyright 2007 - ProVárzea/Ibama

Edição de texto: Eliana Giannella Simonetti
Projeto gráfico e ilustrações: Ivan Chaer
Revisão: Jane Dantas (ProVárzea/Ibama)
Marcelo Derzi Vidal (ProVárzea/Ibama)
Auristela Webster (Edições Ibama)
Enrique Calaf Calaf (Edições Ibama)
Normalização Bibliográfica: Helionidia C. Oliveira

Edição
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – ProVárzea/Ibama
Rua Ministro João Gonçalves de Souza, s/n. Distrito Industrial – Manaus/AM – Brasil. 69.075-830
Tel: (92) 3613 3083/6246/6754/ Fax: (92) 3237 5616/6124
Correio Eletrônico: ascom.provarzea.am@ibama.gov.br
Página na Internet: www.ibama.gov.br/provarzea.

Centro Nacional de Informação. Tecnologias Ambientais e Editoração
Edições Ibama
SCEN Trecho 2, Bloco B - Subsolo Ed. Sede do Ibama
70818-900 - Brasília, DF
Telefone (61) 3316 1065
Correio Eletrônico: editora@ibama.gov.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS

D155m Damasceno, José Maria.

Manejo comunitário do Pirarucu: organização e acordo resultam em fartura / José Maria Damasceno, José Oster Machado e Luis Henrique Almeida. - Manaus: Ibama/ProVárzea, 2008.

28 p. : il.col. (Iniciativas Promissoras, 5)

ISBN 978-857300-266-9

1. Manejo (pirarucu). 2. Pesca Comunitária. 3. Cartilha. I. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. II. Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea. III. Título. IV. Série.

CDU (2.ed.)351.823.1

Sumário

Que conversa é essa de organização? 6

Comunidade forte 6
As dificuldades 7
Os encontros 8
É bom se entender 8

Vamos ver direitinho como isso funciona 10

Conflitos e acordos 10
Liderança 10
Definição de área 12
Contagem do estoque 14
Anotação 15

Por que tanto cuidado com o pirarucu? 16

Um pescado especial 16
Abuso e controle 17
Manejo facilitado 18
Defeso 18

As etapas do sistema de manejo 20

Guarda compartilhada 20
Antes da despesca 20
Pesca comunitária 21
Negociação 22
Contrato 23
Investimento 24
Exemplo 25
Avaliação 26

Apresentação

Esta cartilha compõe a série Iniciativas Promissoras, produzida no âmbito do Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – ProVárzea/Ibama.

O ProVárzea/Ibama faz parte do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil. Seu objetivo é contribuir para que a várzea da calha do rio Solimões-Amazonas seja conservada mediante o uso sustentável dos seus recursos naturais.

A cartilha é um instrumento de divulgação e disseminação das ações do projeto Manejo Comunitário Participativo dos Recursos Pesqueiros no Setor Maiana, desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Município de Fonte Boa, com o apoio do ProVárzea/Ibama.

O Projeto enfatizou o manejo comunitário da pesca do pirarucu, maior peixe de água doce do planeta, cuja exploração indiscriminada provocou, até o início dos anos 2000, dois graves problemas: a redução do número de animais na natureza, colocando-o em risco de extinção; e a deterioração da qualidade de vida das populações ribeirinhas, que passaram a migrar para as cidades.

Deste modo, a introdução e disseminação de práticas de organização comunitária foram trabalhadas, tendo em vista também a promoção do fortalecimento das ações de conservação dos recursos naturais e a permanência das populações tradicionais em suas terras.

Os resultados obtidos nas comunidades de pescadores reforçam que o Projeto não apenas é viável: é bem aceito pelos moradores, pois aprimora os relacionamentos interpessoais e a capacitação dos que administram os recursos naturais, recupera o estoque pesqueiro dos lagos e promove o aumento da renda familiar, tendo como conseqüência a melhoria da qualidade de vida das famílias envolvidas.

O Projeto demonstra, assim, que a conscientização das pessoas, a adoção de tecnologias simples e eficientes, e o trabalho em parceria com os órgãos ambientais competentes garantem o uso sustentável dos recursos naturais da Amazônia.

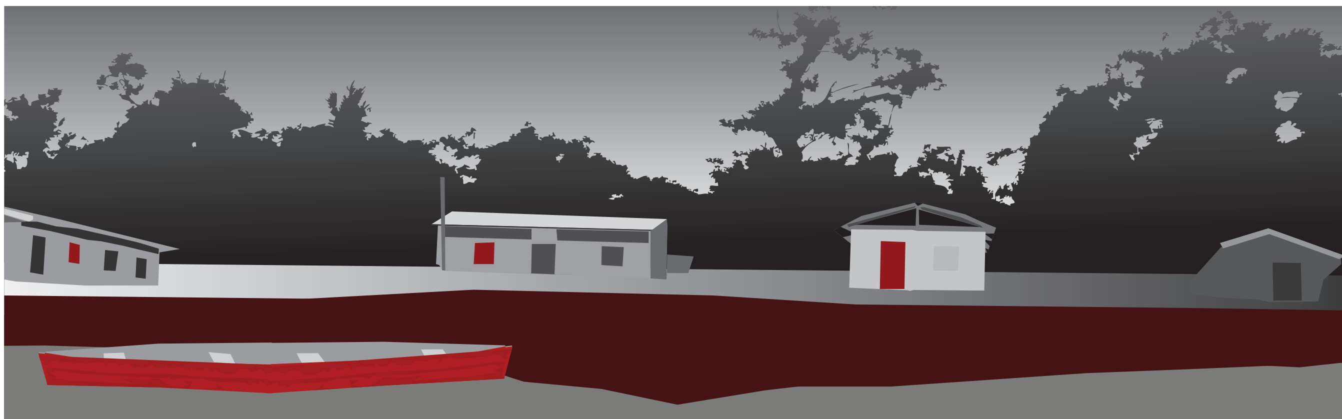
Marcelo Derzi Vidal
Gerente das Iniciativas Promissoras

Que conversa é essa de organização?

Comunidade forte

Uma comunidade é formada por famílias que vivem numa mesma área e pode funcionar de diversas maneiras. Em alguns casos, cada qual cuida de seus interesses e em outros, há atitudes mais solidárias. De todo modo, mesmo com fartura e saúde, ter gente morando por perto é um conforto.





É assim em todo lugar. Não é à toa que é raro um homem ou uma mulher viver em isolamento.

Entretanto, uma comunidade pode ser muito mais do que um agrupamento de pessoas que vivem próximas umas das outras. Muito mais mesmo!

Quando essas pessoas manejam juntas suas necessidades e seus recursos, a vida se torna mais segura, mais produtiva e melhor.

Todo mundo sabe que é fácil quebrar um galhinho. Agora, quero ver quebrar dez galhinhos juntos! Quero ver enfrentar jacaré sem ninguém por perto!

As dificuldades

A gente sabe que, nos últimos tempos, pessoas que não pensavam nas outras, nem no dia de amanhã, saíram para pescar fora de época e tiraram grande quantidade de peixe pequeno da água.

Em alguns lugares ficou tão dificultoso viver da pesca na várzea, que muitas famílias largaram tudo e foram para a cidade atrás de sustento.



Os encontros

A questão é que, se cada qual tem suas idéias, como é possível se organizar e entrar em acordo?

Para isso é preciso muita conversa.

É até bom quando tem televisão, porque no intervalo da novela dá para trocar umas palavras e com o tempo pode surgir entendimento.

É bom se entender

No entanto, para ter resultado efetivo é melhor convocar reuniões.

Numa reunião o debate é intenso. Não tem dispersão. É mais fácil acertar as diferenças, apontar o que é necessário para que tudo corra bem.

Hoje em dia as comunidades têm como tarefa fazer reuniões e se organizar para manejar seus recursos.

Primeiro porque muita gente já percebeu que sem manejo a várzea morre e as pessoas precisam ir embora. Depois, porque a lei trata do assunto.

Só as comunidades organizadas, que têm compromisso com o manejo, são autorizadas a realizar a pesca comercial de pirarucu nos lagos.

A autorização vem do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Quer dizer, quem não se entende fica no prejuízo.

Mesmo assim, em muitas comunidades as pessoas ainda não se acertaram.

Na pesca, por exemplo, cada qual sai e tira peixe por si. Os que têm mais sorte e habilidade produzem mais do que os outros. Na hora da venda, cada um sozinho não tem força para conseguir preço bom.

Está em tempo de mudar para todos trabalharem melhor, ganharem mais e viverem de maneira equilibrada.

Quem já experimentou comprovou que o manejo comunitário dos recursos traz muitas vantagens.

Veja, por exemplo, como aumentou o estoque de pirarucu nos lagos da comunidade de Mapurilândia, entre 2004 e 2007.



Multiplicação dos peixes

Crescimento do estoque nos lagos manejados de Mapurilândia, AM

Temporada de contagem	Número de pirarucus grandes
2006/2007	3009
2003/2004	32



Aumento de quase mil vezes em quatro anos

Vamos ver direitinho como isso funciona

Conflitos e acordos

O primeiro passo no caminho da organização é alcançar o entendimento. Isso nem sempre é fácil.

Às vezes, os conflitos entre os comunitários são tão grandes que um acordo parece impossível.

Outras vezes, um mesmo lago é reclamado por duas ou mais comunidades.

Para resolver essas questões, é bom que todos estejam bem informados sobre seus direitos e deveres e sobre as vantagens do manejo.

Também é bom que todos participem dos encontros: homens, mulheres, os mais velhos e até os pequenos. Assim, entendendo o que acontece, o interesse em colaborar aumenta. E o que não falta é tarefa numa comunidade que se organiza para progredir.

Mas o mais importante, mesmo, é perseverar. Não dá para desistir da organização logo na primeira dificuldade.

Liderança

Resolvidas as pendências, os comunitários fazem um acordo de pesca com as regras de convivência e apontam seus líderes.

Por votação, todos escolhem:

- o que é mais capaz para negociar e cuidar da venda;
- uma pessoa que seja boa com as contas, para se encarregar de apurar e dividir o dinheiro;
- uma outra que seja esperta para escolher os vigias e os melhores pontos de observação dos lagos; e assim por diante.

Mais tarde, as lideranças comunitárias de uma região se reúnem para organizar o manejo numa área maior. Assim a proteção dos recursos se torna mais efetiva.





Definição da área

Depois que todos se comprometerem com a organização, é preciso dar outros passos.

São exigências da lei para deixar as coisas certinhas e evitar conflitos que possam levar tudo a perder no futuro.

Um desses passos é o desenho de um mapa detalhado da área da comunidade, o que às vezes requer várias reuniões.

O desenho deve mostrar onde estão localizados os rios, os lagos, as terras inundáveis, as terras altas, e todos os recursos da várzea que a comunidade explora. Um mapa com tudo nomeado, fácil de entender e identificar.

O mapa e o acordo comunitário de pesca são documentos que a comunidade apresenta para o Ibama reconhecer que ela se organizou e tem condições de manejar os recursos da várzea.

Na verdade, ele é mais do que um desenho, é um plano de trabalho.

Quando identifica os recursos, a comunidade se compromete a proteger e vigiar o que é uma poupança para o futuro.

Para que ninguém vá bulir no que está sendo conservado, a atenção deve ser redobrada principalmente na quebra da água, quando a seca torna a pesca mais fácil.

Os lagos são divididos em três grupos:

• Lagos de Procriação ou Preservação – são os escolhidos para proteção. Ninguém deve mexer nas suas águas, pescar ou passar de rabeta. Assim os peixes ficam tranqüilos, se multiplicam e crescem.

• Lagos de Manutenção – são os que servem para tirar alimento para o sustento das famílias no dia-a-dia.

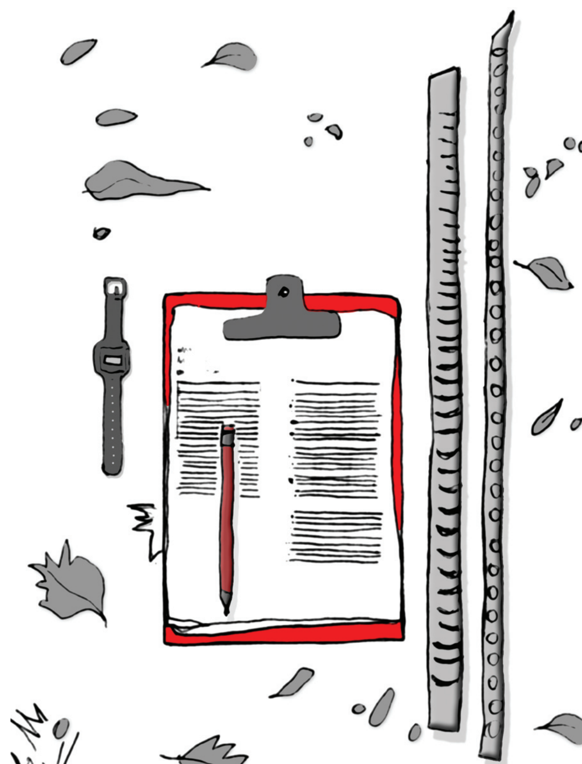
• Lagos de Manejo – são aqueles onde se faz a pesca para o comércio. Nesses, é preciso obedecer às regras estabelecidas por lei e também às que foram firmadas em acordos comunitários. No caso do manejo do pirarucu, os peixes grandes têm de ser contados todos os anos para o cálculo da cota de despesca do ano seguinte.



Contagem do estoque

Já sabemos que o Ibama autoriza comunidades organizadas para o manejo a pescar pirarucu nos lagos da várzea. Para definir a cota de despesca, precisa conhecer o estoque de cada lago. Assim, todos os anos, pescadores e técnicos contam os peixes grandes que vivem nos lagos manejados.

Para isso, não há necessidade de equipamentos complicados. Muitas vezes, cada qual marca em gravetos os peixes que observa e depois passa os valores para o encarregado de preencher a ficha do Ibama.



Anotação

Muitos pescadores experientes que participam do manejo conhecem o jeito dos peixes. Sabem contar quantos vivem num lago, mas leva muito tempo para um homem só fazer o trabalho.

Se vários homens dividem o lago em faixas e fazem a contagem por etapas, logo o serviço fica pronto.

A organização comunitária é importante nessa hora.

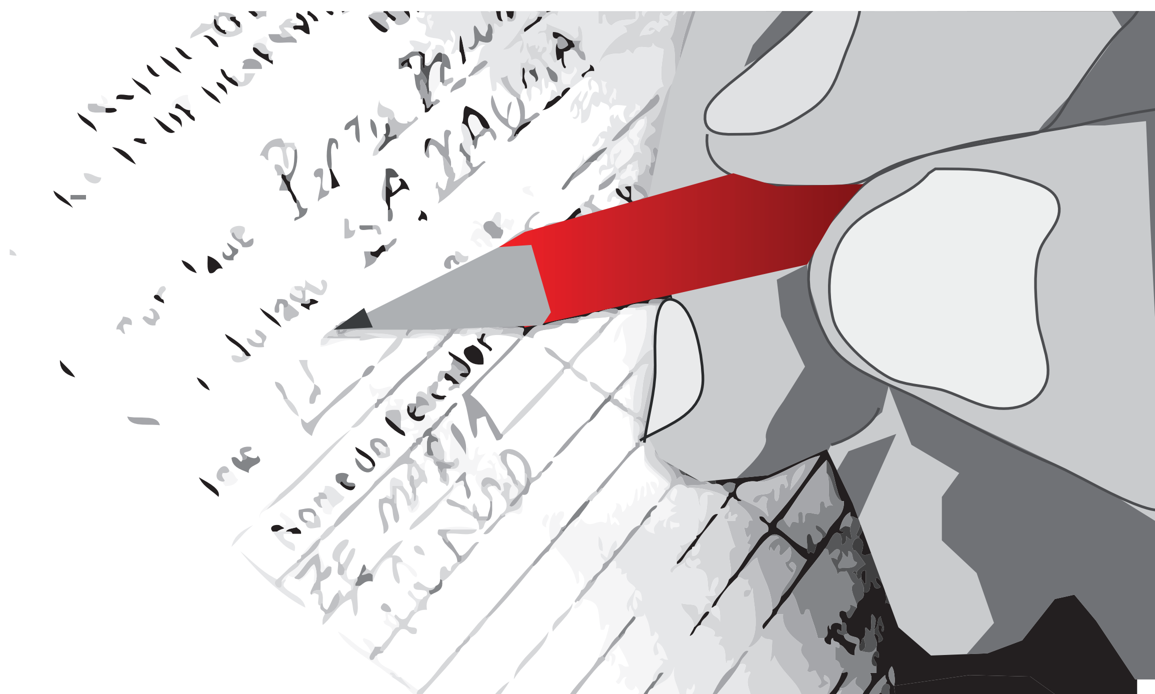
Essa é uma novidade do sistema de manejo comunitário. É preciso aprender uma outra: como anotar os resultados na ficha do Ibama.

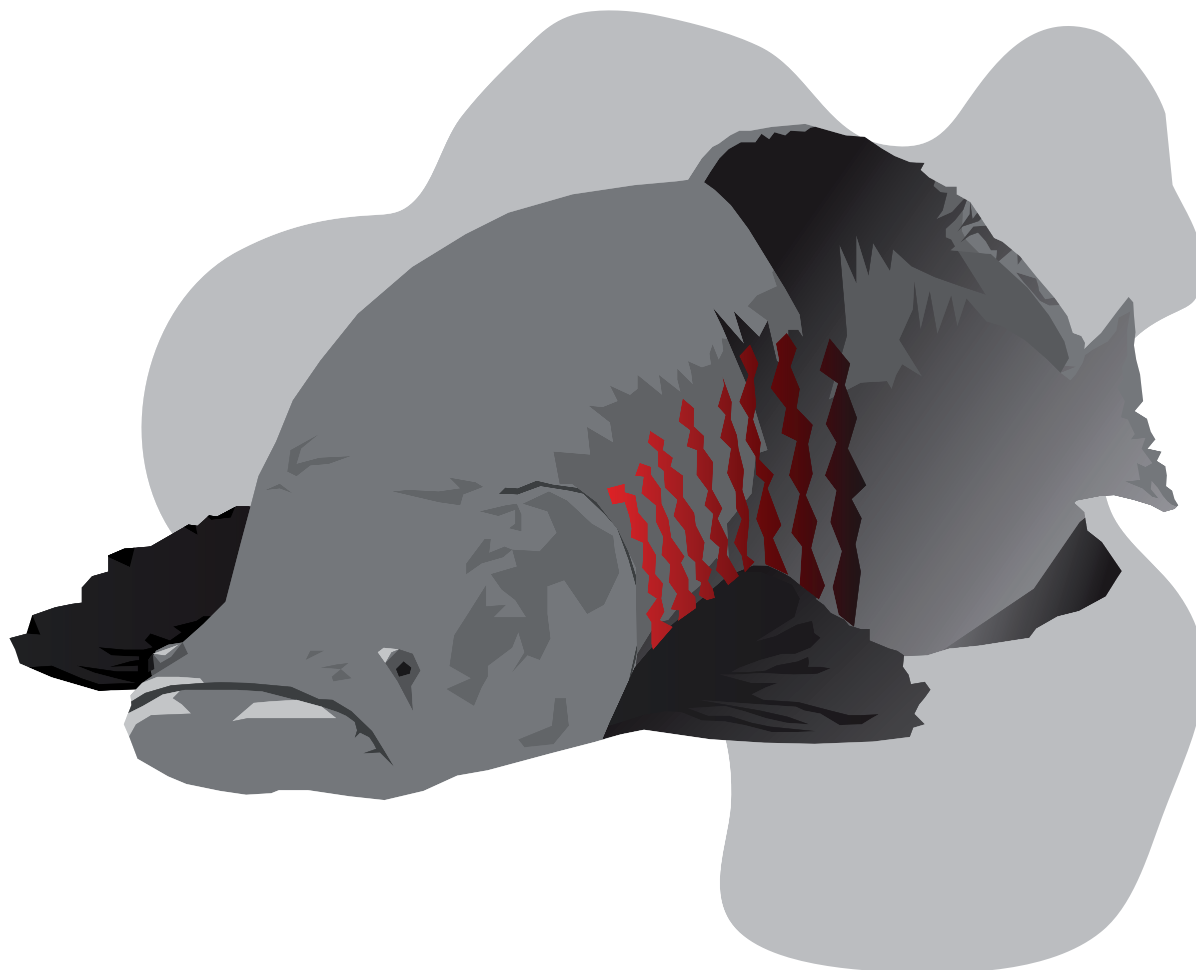
Existem cursos que preparam pessoas para contar e anotar a população de peixes dos lagos. Algumas pessoas, em cada comunidade, devem ser apontadas para aprender essas técnicas.

As informações servem para o cálculo de quanto se pode tirar da água em cada ano sem prejudicar as safras seguintes.

Servem também para saber como está funcionando o manejo.

Sim, porque o objetivo é fazer com que o estoque de peixes aumente mesmo com a despesca.





Por que tanto cuidado com o pirarucu?

Um pescado especial

Nas águas da Amazônia existem muitos peixes. Sua carne é fonte importante de proteína para as comunidades.

Tambaqui, pirapitinga, pacu, tucunaré, curimatã, bodó, dourado, por exemplo, dão boa caldeirada ou bom assado.

É também nessas águas que vive o pirarucu, o maior peixe de escamas de água doce do mundo. Pode chegar a 2,5 metros de comprimento e pesar mais de 200 kg.

O pirarucu existe desde os tempos dos dinossauros. Seu nome significa peixe vermelho.

Do pirarucu tudo se aproveita:

- a carne é nutritiva e saborosa;
- a língua de osso serve como lixa;
- com as escamas se faz artesanato;
- o couro é usado em bolsas, sapatos e até tambores.

Por isso o pirarucu é muito procurado e pode ser vendido por bom preço.

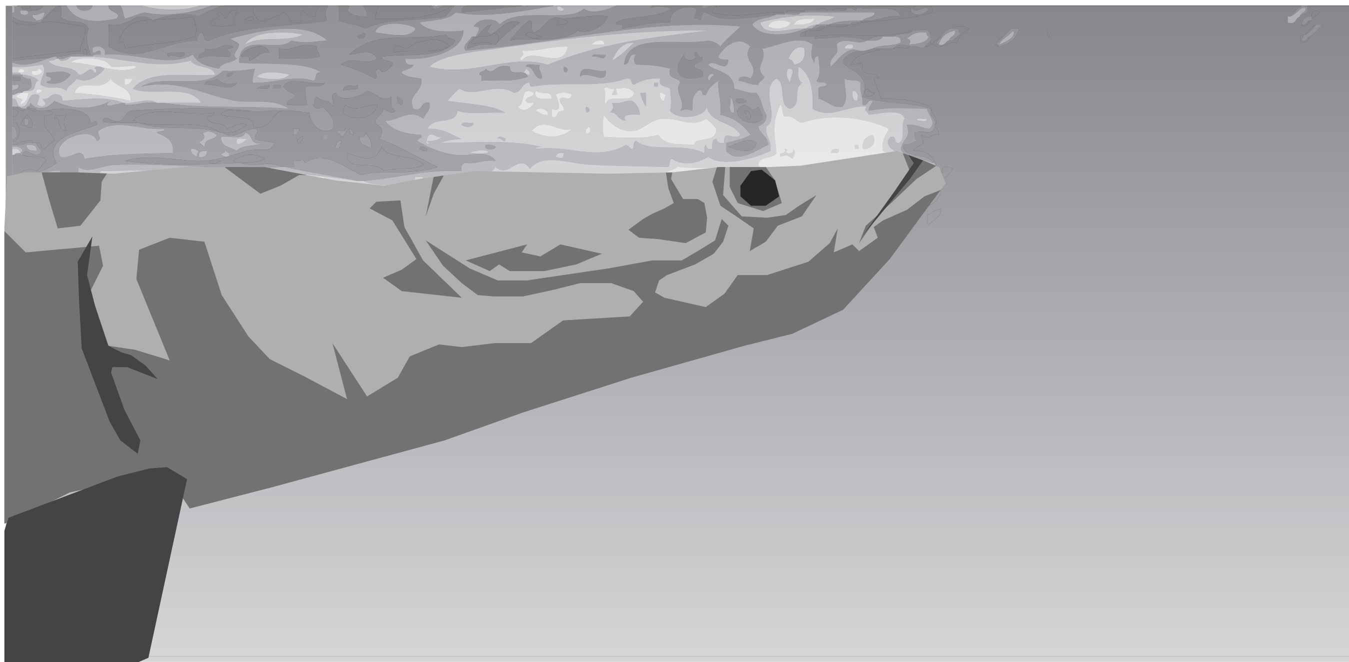
Abuso e controle

Não foi sem motivo que no passado se tirou pirarucu demais da água. Até peixe pequeno, que ainda não tinha procriado. Resultado: o pirarucu quase desapareceu.

No estado do Amazonas, a pesca foi proibida por lei para proteger uma riqueza do povo da várzea. Passaram-se mais de dez anos e a medida surtiu efeito. O número de peixes voltou a crescer.

Hoje em dia, a despesca é liberada pelo Ibama para as comunidades que se organizam para o manejo e que entram em acordo para cuidar dos recursos de sua área.

Isso para que os peixes continuem a se multiplicar e para que a vida das pessoas melhore com a venda de pescado grande, mais valorizado pelos compradores.



Manejo facilitado

O pirarucu tem uma característica que facilita o manejo: ele não respira dentro da água como outros peixes. Bóia para tomar ar e volta ao fundo do lago. Nesse vai e vem, deixa uma espuma.

É possível contar os peixes e calcular seu tamanho pela boiada, pela marca da espuma ou pelo som da puxada de ar.

Peixe grande respira mais ou menos a cada 20 minutos. Bodecos, que são os pirarucus jovens, sobem a cada 10 ou 15 minutos. Os peixes pequenos são menos regulares.

Defeso

Quando não tem movimento fora do normal, não é muito difícil encontrar pirarucu em lago que tenha peixe.

Se for deixado em paz, ele costuma ficar sempre na mesma área. Ainda mais em tempo de reprodução, quando o macho protege o ninho.

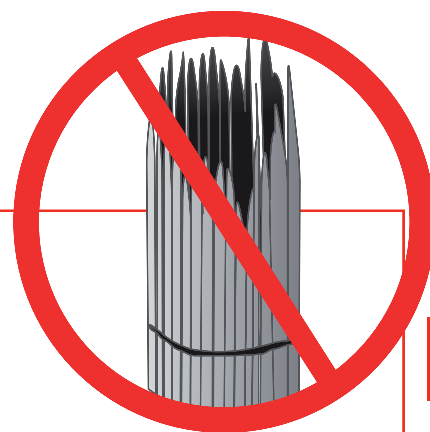
Nessa época, a pesca é proibida, porque quem mata pirarucu no defeso deixa a cria desprotegida. Como existem muitos predadores, a chance de sobrevivência dos filhotes é pequena e o lago vai ficando sem peixe.

Outras práticas diminuem a fartura na várzea e por isso também são proibidas. É o caso do uso de currais e de malhadeiras finas.

Peixes pequenos, tracajás e outros animais morrem presos nessas armadilhas ou apetrechos.

No caso do pirarucu, o problema é muito sério, porque ele leva muito tempo para crescer e dar cria.

Se os pequenos morrem, todo mundo perde. Mas se a despesca é manejada, os peixes se multiplicam.



Então, atenção:

- Os currais estão proibidos.
- Nos lagos manejados só se pode usar rede de malha larga, que não pegue peixe pequeno.
- A despesca tem tempo certo e é regulamentada pelo Ibama.
- O Ibama também estabelece a cota de pescado e o tamanho mínimo dos peixes que podem ser tirados da água a cada ano pelas comunidades organizadas.
- Pirarucu tem de ter pelo menos um metro e meio de comprimento, mas bom mesmo é tirar peixes com mais de dois metros, que dão rendimento melhor.
- Todos os peixes comercializados são pesados, medidos, lacrados e registrados pelo Ibama e pelo Ministério da Agricultura. Os pirarucus são vendidos inteiros. Assim, quem compra tem a garantia de que a pesca aconteceu conforme a lei, em lago de manejo.

As etapas do sistema de manejo

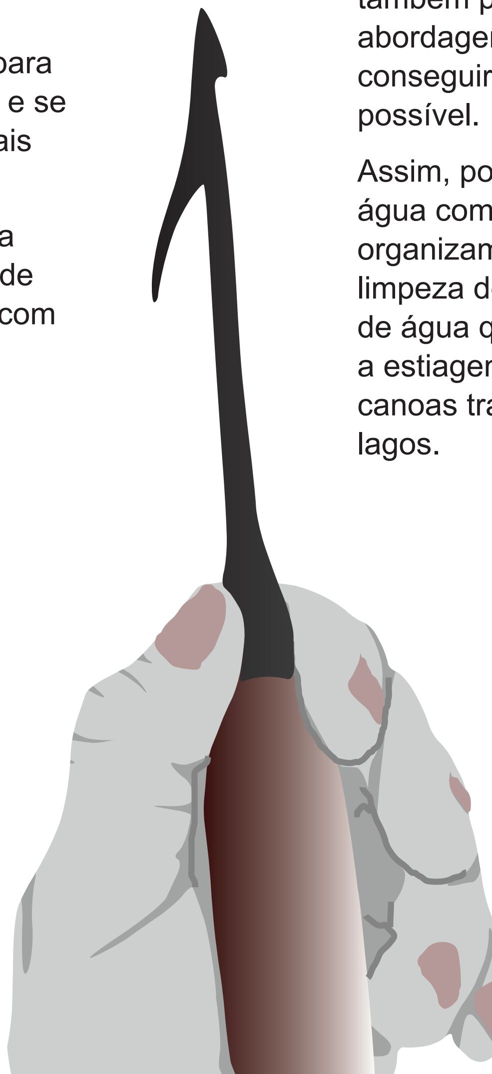
Guarda compartilhada

É claro que só contar os peixes não basta para garantir fartura. A área tem de ser cuidada.

Ainda existe muita gente que não obedece às normas. Os comunitários perdem com as invasões e precisam estar atentos.

Cada comunidade deve apontar algumas pessoas para freqüentarem treinamentos e se tornarem Agentes Ambientais Voluntários.

Os Agentes guardam a área e os recursos da comunidade em sistema compartilhado com instituições do governo.

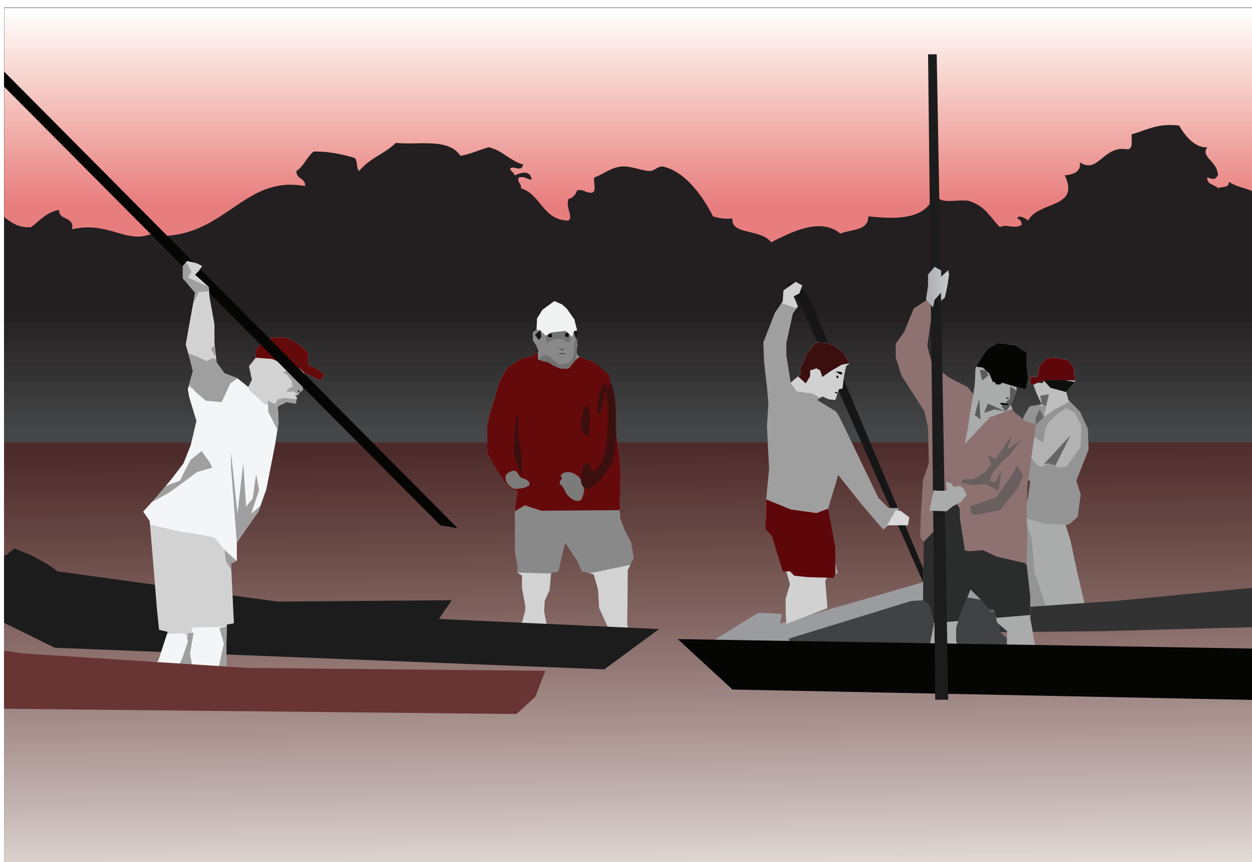


Antes da despesca

Barcos, malhadeiras, hastes, cordas e arpões são equipamentos que não podem faltar para uma boa temporada de pesca.

Uma comunidade organizada também planeja o modo de abordagem dos lagos, para conseguir obter melhor rendimento possível.

Assim, por exemplo, quando a água começa a baixar, muitos organizam mutirões para a limpeza dos canos, passagens de água que não secam durante a estiagem, permitindo que as canoas transitem entre os rios e os lagos.



Pesca comunitária

Com tudo pronto e com a autorização do Ibama, entre os meses de julho e novembro pescadores e carregadores saem em conjunto para a despesca.

Enquanto uma turma busca o peixe no lago, a outra carrega o pescado até o barco do comprador.

Quando a produção é entregue, o pagamento vai para uma única conta.

Então, o tesoureiro da comunidade cuida de dividir o dinheiro entre os que participaram do trabalho.



Negociação

Todo mundo vê que tem muito barco no porto, esperando o tempo da despesca.

A questão é saber tirar o melhor proveito do interesse pelo peixe. Quer dizer, conseguir preço bom e boas condições de trabalho, com segurança.

Aí está um ponto muito importante para que o manejo dê certo e todos percebam as vantagens da organização: a negociação com o comprador.

Vale a pena consultar os órgãos do governo que registram os dados dos compradores e acompanham seu comportamento em cada ano.

O trabalho de organização e de despesca poderá ser perdido se a comunidade não tiver um contrato bem feito, por preço bom, com comprador confiável.

Contrato

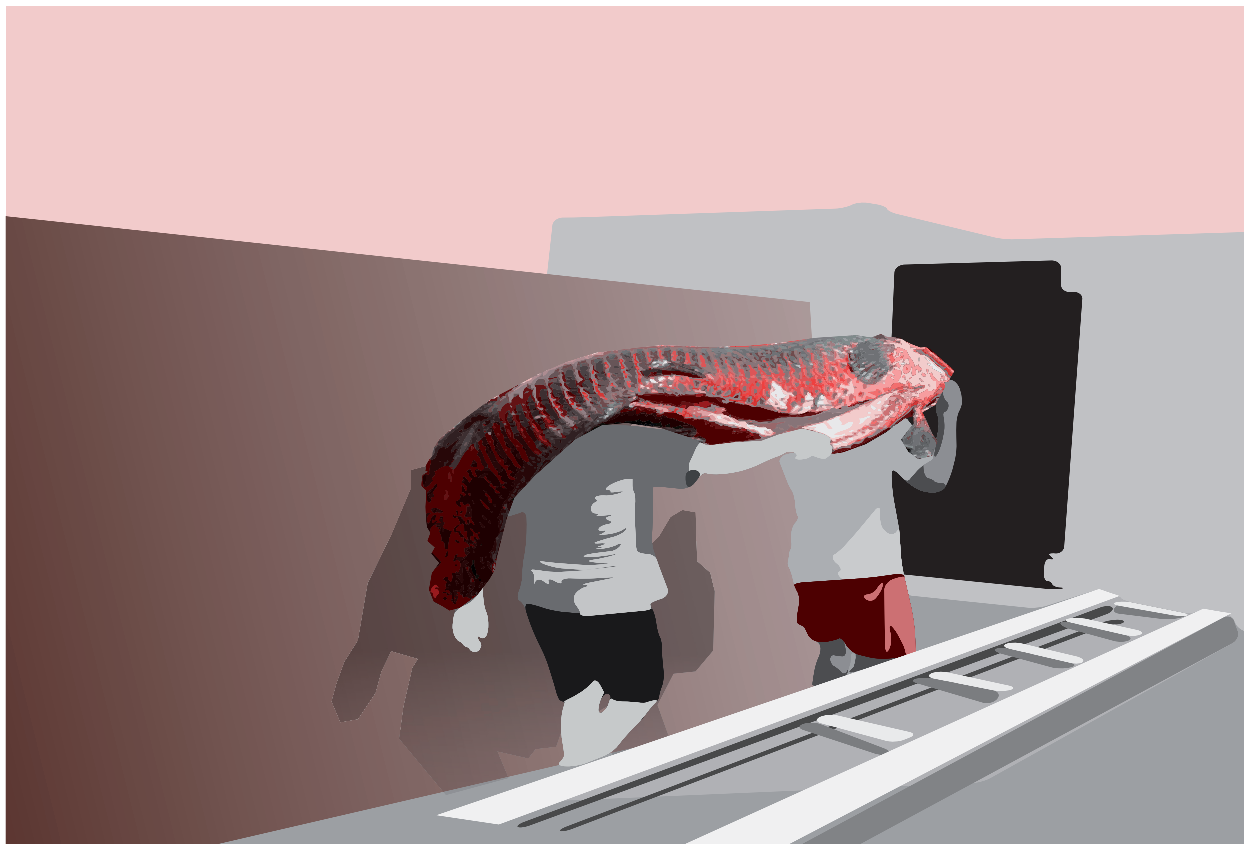
Mesmo quando se encontra um comprador que tem boas referências, o contrato deve ser registrado em cartório.

Essa é uma forma de garantir que o compromisso será cumprido, já que normalmente a venda da produção é acertada com um só comprador.

Comunidades com mais experiência no manejo, bom estoque e equipamento adequado, têm condições de firmar contratos mais simples.

Retiram sua cota de pescado da água, levam os peixes ao barco do comprador que geralmente fica atracado num paraná próximo ao lago, e recebem o que é devido.





Investimento

As comunidades que estão começando no manejo não têm fartura de pescado nem equipamento o bastante, devem cuidar de negociar conforme suas necessidades.

Uma malhadeira, por exemplo, é um investimento que nem todos têm condições de fazer.

Existem compradores que oferecem malhadeiras e outros apetrechos aos comunitários, para garantir que receberão todo o pirarucu retirado de suas áreas de manejo.

É bom pensar, também, se não vale a pena passar um ano sem tirar peixe dos lagos manejados, para que o estoque aumente e o negócio seja melhor no futuro.

Como as necessidades e as possibilidades são muitas, e variam de caso para caso e de ano para ano, as decisões devem ser tomadas em reuniões. Assim, todos os comunitários podem dar sua opinião sobre a melhor atitude a tomar.

A comunidade que maneja seus lagos como deve, ganha e beneficia a região, pois na época da cheia os peixes se espalham por toda a várzea.

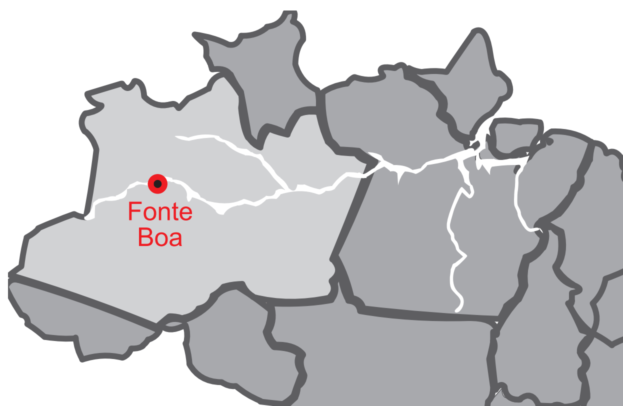
Exemplo

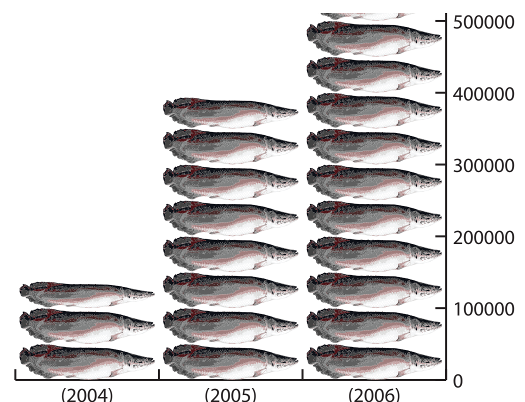
Em Fonte Boa, no Amazonas, as comunidades já percebem mudança na qualidade de vida. Por isso, um número cada vez maior de gente se organiza e ingressa no manejo.

Ali o projeto é desenvolvido desde junho de 2003. É uma parceria entre o ProVárzea/Ibama, a Prefeitura Municipal e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Fonte Boa.

Esse é um exemplo que todo mundo deveria seguir.

Produção de pirarucu manejado em Fonte Boa, AM





Avaliação

Tudo isso é conhecido porque depois da despesca, lideranças comunitárias e técnicos que acompanharam o trabalho se reúnem e fazem um relatório que traz:

- pontos positivos e negativos do manejo no ano,
- avaliação do comportamento dos compradores,
- informações sobre o tamanho e a quantidade de exemplares de pirarucu tirados dos lagos,
- solicitação da cota de despesca para o próximo ano.

Quer dizer, quando uma temporada termina, a comunidade fica sabendo o que correu bem e o que tem de ser corrigido. E já começa a planejar o ano seguinte.







Ministério do
Meio Ambiente

